

Introdução

Após terminar a licenciatura em Londres, em 1999, viajei regularmente pela Europa acompanhado de um bom amigo chamado Alessandro Lalvani. Adoptávamos um conceito que designávamos *improvisação livre*, que consistia em confirmar férias no trabalho, comprar bilhetes de avião baratos e vermos o que acontecia quando chegávamos ao destino. Com a segurança dada por um telefone numa das mãos e um guia de viagens na outra, decidíamos os dois — rapazes jovens com algum dinheiro disponível — seguir este conceito algumas vezes por ano, visitando assim locais tão exóticos como Praga, Veneza, Milão e Barcelona. O mundo era nosso.

Os anos passaram, Alessandro assentou e casou-se, enquanto eu continuei a vaguear, fazendo viagens de longa distância pelo México, Argentina, Brasil e Vietname. No entanto, os caminhos que percorria eram já bastante trilhados e apenas ocasionalmente me atrevia a correr riscos, como fiz numa viagem de 400 km de bicicleta entre Dalat e Hoi An, no Vietname, em que fui acompanhado por um estudante de doutoramento de nacionalidade australiana, que conheci enquanto viajava naquele país. Estas viagens deram-me novas perspectivas sobre as noções de riqueza, beleza, natureza e, de uma forma crucial, daquilo que é a arte. A minha vida seria hoje muito diferente se não tivesse feito estas viagens.

Há três anos decidi que queria mais. Motivado, por um lado, por um desejo de aventura e, por outro, pela vontade de documentar o mundo em que vivemos, decidi que combinaria uma viagem, a escrita

de um livro e a realização de um documentário. Na verdade, o projecto *Música e Coexistência*, arrancou quando vi uma actuação da West Eastern Divan Orchestra, uma orquestra composta por um grupo de músicos provenientes de Israel e dos países vizinhos, a que assisti na Filarmónica de Berlim. O programa consistia num concerto de câmara da autoria de Alban Berg, uma obra de câmara oblíqua e exigente, apresentada por Michael Barenboim, filho do pianista e maestro Daniel Barenboim, e por Karim Said, um parente do falecido académico palestino Edward Said. Fiquei surpreendido ao ver que era possível uma colaboração positiva entre estes dois jovens corações e mentes, o que me colocou várias interrogações. Existiriam outros exemplos semelhantes de colaborações interculturais? Poderia a música ajudar a curar feridas sociais?

A música tornou-se uma parte importante da minha vida desde muito cedo. Comecei com aulas de violino em Londres aos oito anos, a que se seguiu uma breve passagem pela North London Symphony Orchestra em 2005. Recordo-me de regressar a casa tarde, já durante a noite, e de relaxar ao som de jazz ou de nocturnos de Chopin, enquanto saboreava um copo de vinho. A música servia-me de escape para a monotonia e tédio causados pelo meu trabalho. A minha paixão pela música, acompanhada pela impressão daquilo que havia testemunhado em Berlim, levaram-me a iniciar a pesquisa para este livro assim que regresssei à Cidade do México, local onde vivo actualmente.

Alguns meses mais tarde, abandonei o emprego que tinha num banco de investimento, a fim de poder explorar então as relações entre a música e a coexistência pacífica no mundo. Na verdade, não faz muito sentido manter um emprego bem pago se não nos traz real satisfação. Para mais, tinha um assunto que me interessava explorar profundamente, sentindo-me abençoado pela oportunidade de poder documentar os importantes projectos sociais descritos neste livro. No total, para fazer a pesquisa necessária para escrever este livro e para realizar o documentário que o acompanha, percorri mais de 24 000 mil quilómetros, num período de três anos — o equivalente a três viagens de ida e volta entre Londres e Nova Iorque.

Como vivemos numa sociedade cada vez mais globalizada, a minha ambição era explorar a notável música que é feita em diferen-

tes partes do mundo, dando uma visão transversal de como as pessoas ultrapassam dificuldades sociais através da música e, ainda, traçar paralelos entre as obras alcançadas em culturas aparentemente muito diferentes. Estava particularmente desejoso de falar com aqueles que acolhem pessoas diferentes de si próprias. Durante a viagem, descobri que a música é um condutor perfeito para este tipo de coexistência e que por vezes pode surgir nos locais mais inesperados.

Este livro está dividido em três secções: música e inclusão social; música e guerra; e programas de educação musical. A primeira secção mostra-nos músicos que quebram preconceitos sociais redutores e que activamente procuram aproximar-se dos outros através de mensagens de paz e de fraternidade — por exemplo, um grande grupo folclórico turco que celebra a diversidade linguística e cultural, com séculos de existência, mas que, em resultado de políticas governamentais, foi reprimida até meados dos anos 90. Em virtude disso, a Turquia assiste hoje a um renascimento da música tradicional. Outro exemplo vem da Universidade de Joanesburgo, onde fiquei a conhecer o trabalho de um coro inter-racial que promove o respeito mútuo, perante tensões raciais que ainda existem, mesmo decorridos vinte anos sobre o fim do *apartheid*.

A secção sobre música e guerra contempla um conjunto de projectos musicais que se estendem desde a Cambodian Living Arts (Artes Vivas Cambojanas) — um projecto que activamente procura reavivar formas de música praticamente aniquiladas durante o genocídio dos anos 1970 — à Mitrovica Rock School (Escola de Rock de Mitrovica), no Kosovo — uma escola que conta com duas filiais, numa cidade separada por tensões políticas. Os músicos sérvios e kosovares desta escola são obrigados a ensaiar em filiais diferentes, situadas em pontos distintos da cidade. Apenas podem tocar juntos, ao vivo, quando se encontram fora do país. É difícil imaginar que estes jovens tenham de sacrificar tanto para poderem tocar juntos, mas esta continua a ser uma realidade em algumas partes do mundo.

A secção final analisa programas musicais desenvolvidos no Brasil, Israel e Estados Unidos. Estes são programas que, não só ajudam os jovens a desenvolver o seu talento musical e a ocupar o tempo livre com algo de produtivo, como ainda, de modo igualmente importante,

lhes permitem encontrar a sua própria identidade. O programa Heartbeat, de Israel, junta jovens judeus e palestinianos, sendo um caso de sucesso não só em Israel como também na Alemanha e nos Estados Unidos da América. O programa *Mariachi* da Universidade do Norte do Texas, que ensina música tradicional mexicana, mantém um ímpeto notável seis anos após a sua criação. O programa Escola de Samba dos Meninos do Morumbi, em São Paulo, fornece não só um escape para os aspirantes a músicos, como ainda refeições e apoio comunitário. No todo, são aqui tratados temas sobre o poder da música recolhidos em quinze países e territórios distintos, proporcionando uma visão diversificada das importantes formas de fazer música por todo o mundo.

Muitas das entrevistas levadas a cabo no Médio Oriente e na região circundante foram efectuadas durante as filmagens do documentário de longa-metragem designado *Música e Coexistência*, exibido pela primeira vez em Março de 2014. Ao contrário do filme que tem um enfoque principal no Médio Oriente, o livro explora o tema da música e coexistência de modo mais amplo, com o fim de demonstrar que a música pode ajudar a criar caminhos e a construir pontes entre culturas diferentes e até em continentes distintos. Trata-se de ir à procura dos desconhecidos que dedicam as suas vidas a fazer a diferença através da música.

Este livro é também um diário de viagem. Espero ser capaz de transmitir os inerentes altos e baixos da sobrevivência com um orçamento limitado, bem como transmitir a difícil realidade da vida de tanta gente espalhada pelo mundo. Aprendi a ser menos crítico em relação aos outros, embora reconheça que ainda tenho um longo caminho a percorrer. Por exemplo, costumava odiar música filarmónica mexicana, comparando-a normalmente com a música clássica e criticando-a por soar desafinada ou fora de tempo. Esta não era uma comparação justa, pois o repertório clássico obedece a um paradigma diferente. O mais importante é a história do músico e o seu propósito. No caso da música filarmónica mexicana a minha percepção mudou quando ouvi uma banda de vinte e oito elementos, provenientes de uma região remota no sul do México, que utiliza a música para preservar as suas práticas tradicionais e a língua indígena. Isto é muito

mais importante, e relevante, do que apenas tocar dentro dos parâmetros estritamente definidos para música clássica. E além disso, quem sou eu para criticar?

Tornei-me cauteloso quanto ao excesso de ênfase na forma e na estética e à importância atribuída às pessoas ditas *cultas*. A verdade é que ler as obras completas de Shakespeare ou conhecer de memória todas as sinfonias e concertos de Mozart não torna alguém, por si só, uma pessoa melhor. O anti-semita Richard Wagner ou o cantor Simon Bikundi, ruandês que ajudou a incitar à violência e a propagar o genocídio no Ruanda, poderiam, de acordo com certas definições, ser considerados bons compositores. Porém, nenhuma pessoa razoável poderia dizer que eram misericordiosos ou sequer boas pessoas simplesmente pelo facto de terem um conhecimento musical mais profundo do que uma pessoa comum.

Vivendo actualmente numa sociedade globalizada, o papel da música no mundo torna-se cada vez mais relevante se tivermos o desejo de desenvolver uma empatia mais forte pelos outros. Seguramente, este é um ingrediente necessário para evitar guerras, genocídios, fomes e desastres ecológicos, pois muitas destas tragédias são, na verdade, evitáveis. Creio que devíamos optar por reconhecer, respeitar e acolher todos à nossa volta e esforçarmo-nos para alcançar fins comuns.

As tradições musicais variam amplamente por todo o mundo. O meu objectivo, porém, nunca foi o de fornecer um compêndio etno-musical abrangendo cinco continentes. Isso requereria uma equipa de peritos e, para mais, existem já vários livros publicados sobre etno-musicologia, bem como estudos académicos que fazem um excelente trabalho na documentação de tradições musicais e das suas relações com a sociedade. Em vez disso, quero proporcionar um vislumbre da vida de músicos provenientes de diferentes estratos sociais, tanto jovens como experientes, percorrendo assim um espaço amplo de contextos étnicos e religiosos. Convido o leitor, a acompanhar-me na junção destes pontos e a apreciar as semelhanças entre pessoas de diferentes partes do mundo, e ao mesmo tempo a reconhecer as suas diferenças, que não devem também ser ignoradas.

O trabalho de campo necessário para um projecto deste tipo é algo de perpétuo e há muitos outros músicos que poderiam ter sido

incluídos neste livro. Como tal, espero que esta obra desperte no leitor um interesse em descobrir outros exemplos, por sua iniciativa. Ao longo da escrita deste livro tentei ser sensível e respeitoso dos músicos que represento nesta obra. Algumas pessoas pediram que os seus nomes fossem ocultados, por medo de represálias, mas as suas narrativas permanecem reais, não dependendo do nome impresso junto às suas palavras.

Não estarei a exagerar se disser que verti a alma e o coração neste projecto. *O Poder da Música* transformou-se para mim num modo de vida e ajudou a moldar-me como pessoa. Entre escrever, filmar, viajar e as muitas interacções com músicos de todo o mundo, foi-me dada a oportunidade de trabalhar com pessoas criativas que dedicaram as suas vidas à arte, e com muitos dos quais tive a sorte de fazer amizade. Eles são a verdadeira inspiração, o que me fez continuar e, em última análise, a razão pela qual este livro está agora nas suas mãos. Estou verdadeiramente grato a todos e a cada um deles.